

O VALOR EPISTEMOLÓGICO DA PRIORIDADE DO MITO SOBRE O LOGOS EM VICENTE FERREIRA DA SILVA (VII) *

Constança Marcondes Cesar

5 — Conclusão

É possível discutir, ao nível epistemológico, a teoria do mito de Ferreira da Silva, em dois momentos: no primeiro, estudando os argumentos a favor da prioridade epistemológica do mito, nos textos do filósofo; no segundo, confrontando a sua tese com as teorias recentes a respeito do mito. No presente estudo, vamos nos ater ao primeiro momento, deixando o segundo em aberto.

Nosso primeiro passo será examinar:

5.1. — A necessidade de superação da filosofia intramundana

Vicente opõe **filosofia intramundana** e **filosofia metaconscienciológica**. Por **filosofia intramundana**, entende todas as correntes filosóficas desde as origens do pensamento grego, quando este se afasta da questão do Ser, até as correntes filosóficas contemporâneas, com exceção do existencialismo heideggeriano. A **filosofia metaconscienciológica** é o nome de um pensar que representa um novo marco na história do pensamento e que se caracteriza por uma indagação a respeito da verdade do Ser. Este novo caminho da reflexão filosófica, aberto por Heidegger, é suscetível de ampliações e esta foi a tarefa que Vicente se propôs.

A distinção radical entre as duas formas de pensar dá-se a partir do problema epistemológico. Na questão do conhecimento, em vez de privilegiar ora o sujeito, ora o objeto ou de conceber o conhecimento sob o aspecto relacional — como faz a filosofia intramundana — é preciso ir mais longe. Trata-se de romper com a diade sujeito-objeto e buscar a origem e a verdade do conhecimento num elemento que, não sendo nem objeto, nem sujeito humano, permite superar corretamente o conflito entre as correntes filosóficas. A mera oposição por um dos pólos do conhecimento, não resolve a questão; sequer a resolve a tentativa da fenomenologia existencial e do idealismo crítico, de buscar a solução das oposições entre as várias epistemologias, na consideração relacional dos pólos: sujeito-mundo. Na verdade, o conflito atual dos humanismos aponta o esvaziamento do pensar filosófico tradicional, segundo o nosso autor.

Ademais, a meditação filosófica é contestada pela civilização industrial. A praticidade, a preocupação com a transformação do mundo pela técnica e pelo trabalho, afastam qualquer possibilidade de audiência à especulação filosófica a respeito da existência humana e de

(*) É esta a última parte deste trabalho que vem sendo publicado desde o nº 20 de **Reflexão**. Apresentamos no final (pág. 128) o **Plano** da obra com a indicação dos números, e respectivas páginas da Revista, em que cada parte apareceu.

que é o homem. O que importa, para a civilização industrial, é transformar o mundo e não, compreendê-lo.¹

O esvaziamento dos humanismos e a não-audiência à filosofia, evidenciam a ameaça ao pensar tradicional, bem como a sua falência em oferecer bases sólidas para o conhecimento e a busca da verdade.

5.2 – Indicadores da prioridade do mito

Vicente afirma que podemos acreditar na superação da filosofia intramundana, que corresponde ao pensar filosófico tal como existiu até hoje, porque ao lado desse desmoronamento da filosofia, surgem perspectivas novas:

a) a metafilosofia de Heidegger, na qual aparece a **modificação do próprio objeto do pensamento**. Em vez de indagar a respeito do homem e o mundo (os entes), o pensamento deve ter por objeto a verdade do Ser, matriz de todo ente. O problema epistemológico seria resolvido, deslocando-se do âmbito da consciência individual, e referindo-se à fonte de toda episteme, realidade transcendente à consciência e ao mundo. A modificação do objeto do pensamento esclareceria o esgotamento das possibilidades do filosofar a respeito do ente²;

b) as linhas de reflexão abertas pela etnologia, que mostram uma revalorização do mito e modos de pensar distintos do lógico, característico da civilização industrial e ocidental³. A redução da lógica a um instrumento útil para a transformação do real, bem como a sua limitação a uma abordagem estática do mundo, mostram uma visão redutora do homem, dentro das perspectivas do pensar tradicional⁴. A redescoberta do mito, pelo contato com povos ditos “primitivos”, pôs em evidência um modo de pensar mais amplo que o puro pensar lógico. Aprendemos que a realização da possibilidade de um pensar lógico fêz-se à custa de outras possibilidades do nosso espírito. Tomamos distância, pela primeira vez, em relação ao nosso próprio mundo⁵;

c) a poesia (principalmente a de Hölderlin, de Rilke e de Lawrence), anuncia o esvaziamento e os limites da cosmovisão característica do mundo industrial, e o nascimento de um novo tempo, no qual, pela arte, o homem reencontra a intimidade com o cosmos, descobre novas verdades^{6, 7 e 8}. A recuperação da riqueza do mito primitivo seria possível; não se trata de um retorno ao mito como pura aceitação dele, mas de uma superação do pensar lógico. Este foi condição para que a consciência rompesse com a fascinação pela natureza e tematizasse o homem. A tarefa da filosofia, hoje, é desprender-se da fascinação pelo homem e tematizar o Ser^{9, 10 e 11};

d) a teoria da relatividade einsteiniana, ao propor analogias entre os fenômenos físicos e as propriedades matemáticas, serviria de modelo a uma filosofia que propusesse duas ordens ônticas: a dos entes e a do Ser¹².

A necessidade de superação da filosofia intramundana é indicada em nosso próprio coração: experimentamos um afastamento em relação aos valores do Ocidente, não nos sentimos mais identificados com a nossa civilização. Essa ruptura do homem com seu mundo é pressentida por alguns pensadores e, torna-se clara no campo da arte. Tal acontecimento denota, segundo nosso filósofo, a emergência do novo, a presença de um pensar libertador. A ruptura é experimentada como desgosto, prostração e tédio em relação às alternativas da nossa civilização e como esperança e pressentimento do porvir^{13, 14, 15 e 16}.

Eis, resumidamente, os argumentos de Vicente a favor da prioridade do mito sobre o logos. Nosso autor aponta, corretamente, a impossibilidade de solucionar-se o problema epistemológico, referindo-o ao mero sujeito cognoscente. As múltiplas concepções de razão, de ciência, de homem, de valor, impedem um acordo entre os filósofos: as fenomenologias, os marxismos, os estruturalismos, o neotomismo criticam-se mutuamente, sem chegarem a um denominador comum¹⁷.

A meditação ferreiriana é sensível aos conflitos dos humanismos, das interpretações. Na época em que viveu, as tentativas de convergência epistemológica, elaboradas por Sartre, no **Crítica da Razão Dialética**; por Althusser, por Ricoeur — ainda não tinham ocorrido. Contudo, essas tentativas não impedem o conflito; nenhuma das epistemologias atuais consegue hegemonia em relação às outras, polarizando a atenção dos filósofos. E o problema das relações ciência-filosofia está em primeiro plano, na medida em que começam a surgir crises epistemológicas no interior das próprias ciências, como demonstrou Piaget, no seu **Logique et Connaissance Scientifique**.¹⁸ A crise epistemológica acompanha uma crise mais ampla: a que ocorre no mundo contemporâneo, nos planos social, econômico, político, ético, axiológico. Encarada pelos marxistas¹⁹ como o indicador do princípio da destruição do sistema econômico capitalista, tem, entretanto, outras interpretações dentro da filosofia contemporânea. Há uma concordância entre os filósofos em afirmar que o momento histórico que atravessamos caracteriza-se por uma crise. Quanto ao seu significado, porém, a resposta é tríplice:

a) a crise denota a decadência irreversível do mundo ocidental (marxistas, Spengler);

b) a crise denota um perigo de desintegração da civilização, que pode ser superado (Jaspers, Toynbee);

c) a crise tem um aspecto positivo, é sintoma de passagem para novos níveis de existência (Heidegger, Teilhard de Chardin).

Da mesma forma que o conflito entre os humanismos e entre as epistemologias é evidente, também a compreensão do sentido da existência humana histórica apresenta perspectivas divergentes.

Significação do homem, interpretação do presente, possibilidade de conhecimento: essas, as três coordenadas do pensamento de Vicente. Estão intimamente relacionadas: o ponto de partida da reflexão de Ferreira da Silva é a constatação da crise dos humanismos: sua obra chave nesse sentido, é, sem dúvida, **Idéias para um Novo Conceito de Homem**. A análise da crise dos humanismos o conduz a uma interpretação do presente; e esta, a uma discussão do problema epistemológico.

O fulcro dessa discussão é, para o nosso autor, a descoberta de um critério de verdade. Para ele, são verdadeiras as conclusões **convergentes** de diferentes autores, atuando em diversos campos do saber e da arte. Ou seja: quando poetas, cientistas, filósofos, em diferentes pontos do mundo, com nacionalidades e formação distinta, trabalhando separadamente, chegam a conclusões convergentes, ou intuem de modo análogo a situação mundial, essa convergência deve ser considerada sinal indicador da **verdade** apreendida.

Diz Vicente, na **Apresentação** da revista **Diálogo**:

“A revista que ora apresentamos não pretende resolver-se na mera oposição de pontos de vista (...) **mas procurará uma convergência** (*), uma linha comum de meditação e de pesquisa em torno de temas que afetam especificamente a nós, homens da segunda metade do século XX.

“Várias expressões da meditação contemporânea, a filosofia de Heidegger, a psicanálise de Jung, as intuições de Walter Otto, a poesia de Yeats, a obra de Lawrence, apontam para uma ampliação de convivência entre o homem e os poderes metaumanos (...)”²⁰.

NOTAS

- (1) Vicente Ferreira da Silva, **Obras Completas**, SP, IBF, 1966, vol. II, p. 365.
- (2) id., *ibid.*, p. 366.
- (3) id., *ibid.*, vol. I, p. 354.
- (4) id., *ibid.*, vol. II, p. 358.
- (5) id., *ibid.*, pp. 494 – 495.
- (6) id., *ibid.*, p. 496.
- (7) id., *ibid.*, p. 495.
- (8) id., *ibid.*, p. 397.
- (9) id., *ibid.*, p. 203.
- (10) id., *ibid.*, p. 204.

(*) O grifo é nosso.

- (11) id., *ibid.*, p. 205.
- (12) id., *ibid.*, pp. 503 – 504.
- (13) id., *ibid.*, p. 501.
- (14) id., *ibid.*, p. 503.
- (15) id., *ibid.*, p. 511.
- (16) id., *ibid.*
- (17) Veja-se, a propósito, o livro de Nogare, **Humanismos e Anti-Humanismos em Conflito**, SP, E.P.U., e também o texto de Etcheverry, **O Conflito Actual dos Humanismos**, Porto, Livraria Tavares Martins, 1964.
- (18) Paris, Gallimard, 1969, pp. 3 a 61.
- (19) Veja-se, a propósito, Marcuse, **Eros e Civilização** (1967) e **Ideologia da Sociedade Industrial** (1968), R.J., Zahar Ed.; Lukács, **El Assalto a la Razón**, Barcelona, Grijalbo, 1967; Mao-Tsé-Tung, **De la Contradiction**, in **Oeuvres**, Paris, Maspero.
- (20) Vicente Ferreira da Silva, "Apresentação", **Diálogo**, SP., nº 1, setembro, 1955, p. 3.

PLANO

CAPÍTULOS	Nº de Reflexão	Págs.
1. Evolução do Problema do Mito. Primeiros Vestígios (I)	20	(123 – 137)
2. Um Novo Conceito de Homem (II)	21	(95 – 106)
3. Fontes de Estudo do Mito em Vicente Ferreira (III)	22	(61 – 73)
3.1. As fontes principais e os temas centrais		
3.2. Convergências entre os filósofos quanto aos temas centrais		
3.3. Convergências entre os poetas quanto aos temas centrais		
3.4. Convergências entre os etnólogos e filósofos e historiadores da religião quanto aos temas centrais		
3.5. Convergências nos campos da biologia e da psicologia quanto aos temas centrais		
3.6. Considerações		
4. Mito e Logos (IV)	23	(132 – 142)
4.1. O conceito de Mito		
4.2. Implicações do conceito de mito (V)	24	(104 – 120)
4.3. O conceito de logos (VI)	25	(113 – 117)
5. Conclusão (VII)	26	(123 – 127)
5.1. A necessidade de superação da filosofia intramundana		
5.2. Indicadores da prioridade do mito		